É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

NIMONA, UMA CONVERSA POSSÍVEL SOBRE IDENTIDADES, GÊNERO, SEXUALIDADES E DIFERENÇAS

NIMONA, A POSSIBLE CONVERSATION ABOUT IDENTITIES, GENDER, SEXUALITIES AND DIFFERENCES

André Luiz Bernardo Storino[1]

Ivan Amaro[2]

Carolina Romanazzi Freire[3]

RESUMO: Este artigo, a partir de concepções sobre identidade e diferença, busca refletir sobre a produção audiovisual "Nimona" como possibilidade de usos pedagógicos na Educação Básica para discutir questões de gênero e sexualidades. Pretende-se abordar os modos como pensar o cinema filosoficamente, aparados/as em teorias e leituras (Cabrera, 2006; Duarte, 2002; Fresquet, 2003) já existentes, que demonstram essa potência e possibilidade de diálogo, bem como as questões que permeiam os conceitos de gênero e sexualidade (Louro, 2001, 2014). Discutimos, ainda, como a animação dialoga com a construção da identidade, como constructo político, a partir da representação do diferente (Gallo, 2014; Hall, 2015) como possibilidade de resistência.

Palavras-chave: Nimona; Cinema; Gênero; Identidades; Diferenças.

ABSTRACT: This article, based on conceptions of identity and difference, seeks to reflect on the audiovisual production "Nimona" as a possibility for pedagogical uses in Basic Education to discuss issues of gender and sexualities. The aim is to address ways of thinking about cinema philosophically, based on existing theories and readings (Cabrera, 2006; Duarte, 2002; Fresquet, 2003) that demonstrate this power and the possibility of dialogue, as well as the issues that permeate the concepts of gender and sexuality (Louro, 2001, 2014). We also discuss how animation dialogues with the construction of identity as a political construct, based on the representation of what is different (Gallo, 2014; Hall, 2015) as a possibility of resistance.

Keywords: Nimona; Cinema; Gender; Identities; Differences.

[1] Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.
[2] Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.
[3] Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Cinema e a potência filosófica: notas introdutórias

A filosofia nos inspira e possibilita entender o mundo de forma multifacetada. Algumas/alguns filósofos/as já se dedicam a entender os diálogos e produção de sentidos que a filosofia pode suscitar a partir do cinema. Júlio Cabrera (2006), Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985); Walter Benjamin (1987) são exemplos de filósofos que analisam nas imagens a potência filosófica.

A animação "Nimona" (2023) apresenta, de forma leve e divertida, diversas questões importantíssimas que podem nos levar a pensar sobre os sujeitos que são protagonistas da animação. O modo como a protagonista Nimona muda de identidade nos conduz a lugares outros, "a utilização dessas imagens deve colaborar com a experimentação do pensamento, leitura do mundo e experiência estética de afetação que o cinema pode proporcionar" (Freire, Marcos, 2021, p.192).

Objetivando refletir sobre o tema, organizamos esse texto em três partes. A primeira apresentando a animação, seus personagens e o início de algumas problematizações que vamos desenvolver ao longo do texto. Em um segundo momento, pretendemos abordar os modos como podemos pensar o cinema filosoficamente, aparados/as em teorias e leituras já existentes que demonstram essa potência e possibilidade de diálogo, bem como as questões que permeiam os conceitos de gênero e sexualidade. Por último, discutimos como a animação Nimona tem dialogado com a construção da identidade, como constructo político, a partir da representação do diferente como possibilidade de resistência.

Quem é Nimona?

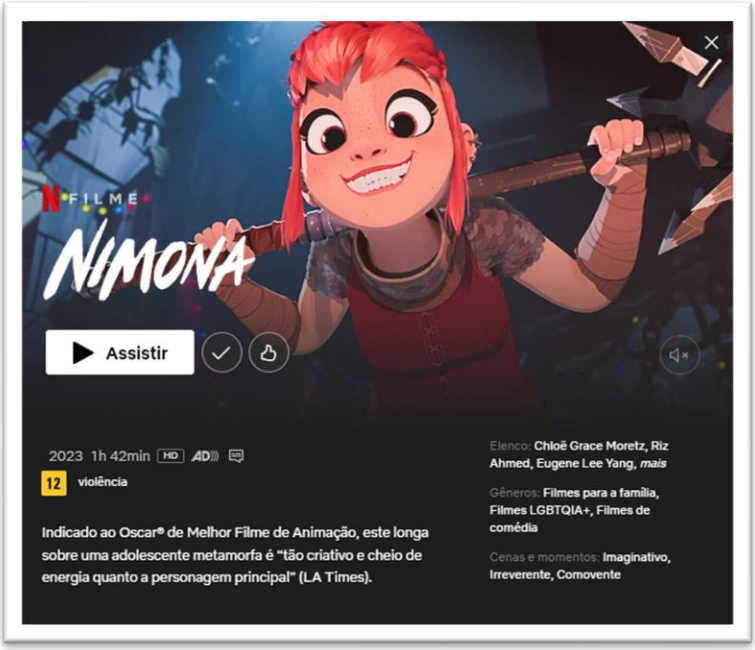
Na plataforma da Netflix, a animação Nimona (2023) possui a classificação indicativa para 12 anos, com apenas o alerta de conter "violência". O gênero é apresentado como sendo "Filmes para a família, Filmes LGBTQIA+, Filmes de comédia". Já na chamada "Cenas e Momentos", apresenta as palavras "Imaginativo, Irreverente, Comovente". Lançado em 2023, o filme foi indicado ao Oscar de Melhor

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Filme de Animação neste mesmo ano, informação que é destacada e compõe a interface do filme na plataforma, com a citação do Jornal LA *Times,* de ser "tão criativo e cheio de energia quanto a personagem principal" (Netflix).

Figura 1: Interface do filme na plataforma Netflix.



Fonte: Print de tela na plataforma Netflix.

Pouco a pouco, Nimona, da escritora e ilustradora Noelle Stevenson, vai ganhando o público, primeiro com a história em quadrinhos. Conforme apontam Pedreira e Varela (2021), as contribuições que Noelle Steveson oferece ao mundo dos quadrinhos se distingue daquela ideia de que "(...) com muita frequência, nos ensinou uma visão obsoleta e tendenciosa de gênero, do herói e do vilão, do bem e do mal. Stevenson desconstrói identidades estigmatizadas e, de forma intuitiva, pessoal e carismática, estabelece as bases para seus trabalhos posteriores, que continuarão a tornar o mundo dos quadrinhos mais acessível e mais justo" (Pedreira, Varela, 2021, p. 243, tradução nossa). Neste sentido, nos apresenta certo adiamento dos significados que supostamente encerram as palavras, produzindo uma linguagem que faz o expectador a questionar a estabilidade dos sentidos aparentemente fixos e a abraçar a ambiguidade incerente à linguagem, conforme nos alerta Jacques Derrida (1973).

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Tanto na história em quadrinhos quanto no filme, Nimona é a personagem principal que vai da vilania ao heroísmo e, portanto, questiona os sentidos destas palavras. Uma história que "(...) gira em torno da descoberta do passado desse personagem e da dicotomia interna pela qual ela passa, afastando-se ou aproximando-se do rótulo de monstro que lhe é atribuído repetidamente (Pedreira, Varela, 2021, p. 251, tradução nossa). Mas, no desenrolar da trama, percebe-se que tanto Nimona como Ballister vão se transformando e adquirindo, cada um a seu modo, aquilo que lhes faltava, em relação ao caráter, atitudes e comportamentos. Ao que Pedreira e Varela apontam como "(...) valores heroicos fundamentais, como a busca da justiça, da misericórdia, honestidade ou vontade de ajudar (Pedreira, Varela, 2021, p. 257, tradução nossa)".

Do quadrinho ao filme, o lançamento deste último se dá em meio a idas e vindas, uma vez que a sua temática traz, evidentemente, para a discussão que mobiliza os discursos conservadores, o beijo entre dois cavaleiros, Ballister Boldheart e Ambrosius Goldenloin. O que se pode perceber nas chamadas de alguns *sites*, como, por exemplo, a Gazeta do Povo, a qual a chamada da matéria é *"'Nimona', a animação infantojuvenil com beijo gay que disputa o Oscar"*, de Erich Thomas Mafra, a qual, ao comentar o conteúdo da obra, coloca em evidência que "Baseado em uma história em quadrinhos de mesmo nome, o longa-metragem tem o seu valor por passar a mensagem de que é importante lutar pela justiça e contra mentiras. No entanto, a obra infantojuvenil, recomendada para maiores de 12 anos, vai além disso e aborda de maneira implícita questões LGBT, característica que surpreende pais desavisados sobre o teor da produção" (Mafra, 2024).

Como se um beijo fosse, de fato, o problema em um filme com indicação de 12 anos. E a materia reitera, quase sempre o viés de que o problema do filme está mesmo em ter uma temática não cisheterossexual, o que se pode perceber na seguinte passagem ao comentar que a temática da transformação era retirada dos filmes de mutação, como X-men e outros, "Mas, diferentemente do mito nórdico, que se identificava como um homem quando não estava se transformando, Nimona se ofende quando ouve a pergunta "o que é você?" e dá uma resposta que está sempre na ponta da língua: "eu sou Nimona!" (Mafra, 2024).

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

E, por último, em um subtitulo, a matéria questiona se a tematica é aproriada para crianças, uma vez que o beijo entre os cavaleiros de uma forma, quase que imperceptivel, na qual seria exatamente a intenção do filme, ou seja, normalizar a prática de beijo romântico entre dois homens. "A ideia é justamente que aquele não seja um grande momento, mas sim algo corriqueiro para os personagens de Nimona e para o espectador" (Mafra, 2024).

O filme também vai provocar a atenção e sensibilidade de outras perspectivas, desde posturas conservadoras às mais progressistas. Como apontado no site Plano Critico, com a matéria *"Crítica/Nimoma: eu vejo vocÊ, Nimona"*, por Rodrigo Pereira. O texto aponta que, para além da temática LGBT, o filme aborda as questões do medo que acomete a cada um de nós e a todas as pessoas.

> *Nimona* é muitas coisas ao mesmo tempo: animação divertida, história de mocinhos contra vilões, conto de fadas, etc. Mas, acima de tudo, é um filme sobre o medo. O medo do desconhecido, do diferente, de não ser bom o bastante, de não ser aceito por quem realmente é, etc. Em alguma escala, todas as personagens apresentam esse sentimento bastante vivo ao longo da obra, gerando desde casos menores, como algum conflito pessoal interno, até realmente situações capazes de influenciar uma sociedade inteira. (Pereira, 2024)

Pereira (2024) enfatiza que o medo do diferente é, antes, também a produção e fomento do ódio para manter privilégios de alguns e detrimento da maioria. Aponta que a ascensão de um cavaleiro de castas inferiores é a forma de manter a falsa sensação de que todas e todos podem pertencer aquele lugar. Uma tentativa de subsunção da diferença em nome de uma igualdade que não existe de fato.

Mas, para você que chegou até aqui, quem é, de fato, Nimona? Para não cairmos na armadilha de tentar definir Nimona, uma vez que a personagem passa todo o filme ponderando isso, passearemos por algumas cenas e diálogos que podem deixar pistas que podem nos ajudar a não responder a pergunta, mas a torna-la ainda mais cativante e problematizadora, ao ponto de, quem sabe, vislumbrar outras possibilidades de respostas.

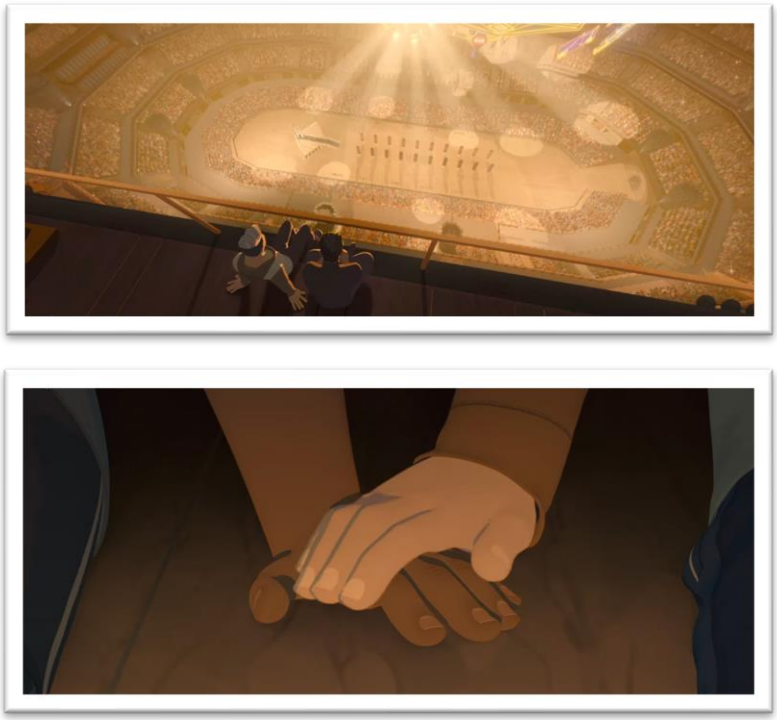
Primeiro é preciso compreender que a história se dá em um "reino que vivia em paz acreditando que não tinha o que temer" (Nimona, 2023), mas um monstro a ataca e uma heroína, Gloreth, surge para defender a cidade. Depois essa heroína vai treinar

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

cavaleiro, para ser a elite de defensores da cidade, para que ela jamais sucumba ao mal. Tal guarda seria formada pelos descendentes desses cavaleiros, em um sistema de hereditariedade e nobreza.

E durante mil anos as nomeações seguiram essa regra, contudo um homem, Ballister Boldheart, será o primeiro a quebrar a tradição: "o garoto de rua que tinha o sonhe de se tornar calaveiro" (Nimona, 2023). E, embora Ballister não seja de linhagem nobre, a rainha encontra nele um coração de herói, mas isso não é suficente para que as pessoas o aceitassem como tal. E é na cena em que Ballister está inseguro sobre sua aceitação pelo povo, se o amariam, surge Ambrosius Goldenloin afirmando que todos amam um herói do reino. Que todos irão amá-lo, assim como ele o ama. Então, permancem ali, ambos olhando à multidão que se aglomeravano estádio, Ambrosius consola Ballister colocando a sua mão sobre a dele.

Figura 2: Ambrosius e Ballister momento antes da consagração como cavaleiro.



Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

Mas, nada sai como o planejado para o cavaleiro, que terá a sua mão decepada por quem lhe amava. Ballister é enganado, pois no momento em que está ajoelhado, sua espada, que fora trocada, atinge a rainha com um raio, levando-a à morte. Plano

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

arquitetado pela Diretora. Ele foge e, então, como um cavaleiro, que agora é o assassino da rainha e fugitivo, vaga pelo submundo da cidade, mas Nimona o encontra.

A vingança ao "mundo cruel que o rejeitou" (Nimona, 2023) é o tom dado ao primeiro encontro entre aquele que agora era um pária no reino e a "menininha", personagem Nimona, que é como Ballister a chama pela primeira vez. Ela tenta apresentar seu currículo ilustrado, uma série de desenhos infantis marcado por sangue e morte, para o serviço, afim de tornar-se sua parceira nessa empreitada. Inicialmente, Nimona deseja parceria com Ballister para o auxiliar em toda forma de vingança contra o "Sistema", chamado de a Instituição e quem mais ele desejasse, mas o herói só queria mesmo era provar a sua inocência. Nimona parece colocar Ballister sobre a linha tênue entre o ser vilão e o ser herói, perspectiva que vai perpassar toda a história, e que acaba por compor as próprias experiências da personagem Nimona na narrativa. Prece, também, desconstruir os sentidos que se fixaram nestes dois sintagmas: vilania e heroísmo. No centro da concepção derridiano de desconstrução está a ideia de que a linguagem é inerentemente instável e desafia constantemente as tentativas de fixar e estabilizar seus significados.

As ações de Ballister o leva a ser considerado um monstro pelo reino, o que também não foi diferente para Nimona. Após ela o libertar da prisão, ele começa a conhecer a capacidade dela de se metamorfosear, ora em uma rinoceronte, ora em um tatu, ora em uma baleia e, até nele mesmo. Logo, a chama de não humana, de monstro. Deixando-a bem irritada, então faz a pergunta que dá dinâmica a toda narrativa: "Afinal, o que você é?" Ao que ela responde: "Eu sou Nimona". Mas, para Ballister, as pessoas não saem se transformando, ao que ela reitera "Eu, sim" (Nimona, 2023).

As tentativas de definições do que ela seja são constantes e em diferentes cenas como a cena no trem, na qual Nimona vai contar a sua história desde a infância. A cena começa com Ballister pedindo que ela desfaça a forma de gorila.

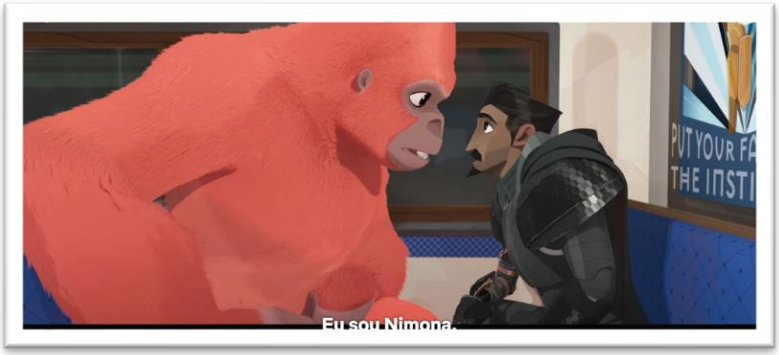
> Ballister: Será que dá para você ficar normal? Só um pouco.
> Nimona: Normal?
> Balister: Eu acho que seria mais fácil se fosse só uma menininha.
> Nimona: É mais fácil ser menina. Que hilário!
> Ballister: Mais fácil se você parecesse uma humana.
> Nimona: Mais fácil para quem?

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Ballister: Para você. Nem todo mundo é mente aberta como eu. Como você ficou assim?
Nimona: Assim como, incrível?
Ballister: Não, como... Eu só estou tentando entender o que você é?
Nimona: Eu sou Nimona.
Ballister: Isso não explica absolutamente nada (Nimona, 2023).

Figura 3: Momento em que Nimona reafirma a sua identidade no trem.



Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

De uma criança feliz, que cultiva amizade com outra menina ao monstro de uma aldeia quando descoberta, reforça a construção social e política da diferença como mecanismo de exclusão. Ela já possui as marcas que a colocava fora daquilo que se convencionou chamar e aceitar como normalidade. Uma diferença que não permite a igualdade no diverso, mas o faz parecer dissidente, sem a possibilidade de coexistir dentre os iguais.

Ao explicar a Ballister quem ela era, começa narrando que era apenas uma menina brincando na floresta, mas que se sentia só, quando encontra um posso do desejo, joga uma moeda e faz um pedido. Frustrando nossas expectativas de que ela revele quem é, pois conclui a sua história, no trem, com a seguinte frase: *"E desejei, que um dia eu ficasse presa no metrô com um cavaleiro conservador que fica fazendo perguntinhas idiotas"* (Nimona, 2023).

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Figura 4: Momento em que Nimona confronta Ballister e suas indagações.

Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

Outro momento em que Nimona é confrontada por Ballister para falar da suas transformações, vai acontecer quando ela é atingida por uma flecha. Ele arranca a flecha, ela não sente dor, então ele a indaga como ela se transforma? Ao que ela afirma (Nimona, 2023)

> Nimona: Eu me sinto pior se não me transformo. As minha entranhas ficam agitadas. Sabe aquele segundo antes de você espirrar? É bem parecido. E aí eu me transformo e fico livre.
> Ballister: E se você se segurasse? Se você não se transformasse.
> Nimona: Eu morreria.
> Ballister: Mas que horror, pelo amor de Gloreth.
> Nimona: Não acredita em tudo. Eu não morreria, só que... eu não estaria vivendo.

Nimona e Ballister armam uma encenação, na qual a Diretora acaba por confessar a sua intenção de incrimina-lo. Mas, mesmo ao descobrir que foi traído pela Diretora, inicialmente, Ballister tentar manter o sistema, pois, divulgar o vídeo que prova a sua inocência e incrimina a Diretora poderia levar as pessoas à descrença no sistema. Ao que Nimona pondera que a sua postura deveria ser de quem questiona tudo: a Instituição, a lenda de Gloreth, a Muralha que cerca a cidade e impedi os supostos monstros de entrarem, e não somente as intenções da Diretora. Seu questionamento sobre esses mecanismos pondera sobre a quem serve. Para Ballister, à proteção do reino. Ao que Nimona o questiona: "de vilões como você, ou de monstros como eu?" (Nimona, 2023).

Seu plano de contar não funciona. E a personagem Nimona se vê confrontada ao salvar uma menina de ser esmagada por um carro capotando, devido a sua atuação como dragão. Ao ser vista e classificada pela menina: "Ela é um mostro" (Nimona, 2023), a

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

deixa reflexiva e, ao mesmo tempo, irritada, pois as crianças, segundo Nimona, crescem acreditando que qualquer um será herói se enfiar uma espada no coração de qualquer um que seja diferente, que elimine o que é diferente. Mas esse cena é seguida de outra em que ela percebe que a afirmação de Ballister, de que não se pode mudar a forma com as pessoas nos vê, independente do que falamos ou façamos, leva-a a afirmar que "você (Ballister) mudou a forma como me vê" (Nimona, 2023).

Figura 5: Nimona após salvar a menina e ser chamada de monstro.

Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

Depois da tentativa de fracassada de desmascarar a Diretora, Nimona é questionada por Ballister de ser o monstro que havia ficado preso mil anos nas câmaras do reino. Aquele do qual deveriam temer. Ela foge para a floresta. Começa a ver seu passado, quando conheceu Gloreth, da linda amizade entre as duas, apesar das diferenças.

Figura 6: Primeiro encontro entre Nimona e Gloreth.

Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

É: Revista Ética e Filosofia Política

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Mas também se lembra de como foi perseguida pelos aldeões por ser justamente diferente. Por não compreender as diferenças como multiplicidades de ser o que se é. Sente-se abandonada. Então, transforma-se no monstro que a cidade tanto temia, assume a forma de que tanto lhe chamavam, mas não sucumbe a ela, salva a si e a cidade da arma disparada pela a Diretora. E assim afirma: "tá na hora de reescrever a história" (Nimona, 2023). Uma história que permite olhar Ballister herói e Nimona como heroína. Uma cidade que repensa a sua forma de organização. Uma cidade que ama Nimona e permite o amor acontecer, a partir das diferenças.

Figura 7: Nós amamos Nimona.

Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

E assim termina a saga de uma menina metamórfica. Mas o que pode Nimona na educação? O que Nimona tem nos permitido pensar sobre identidade e diferença? Que discussões sobre gênero e sexualidade tem ensejado?

Nimona e filosofia: gênero e sexualidade dissidentes também são filosóficos?

Antes de inserirmos este debate, desejamos estabelecer uma relação entre cinema e filosofia mais precisamente entre Nimona e as possibilidades de pensar filosoficamente gênero e sexualidade também como conceitos filosóficos que perpassam nossa realidade e produzem questionamentos como tantos outros conceitos estudados na filosofia. Como podemos pensar a partir da animação Nimona essas questões apoiadas/os na animação como uma possibilidade de pensar nos temas citados. Perissé (2009, p. 90) salienta que "a experiência estética nos faz perceber a variedade, a multiplicidade, a complexidade, as diferenças, as muitas verdades que nos rodeiam e solicitam nossa atenção".

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Júlio Cabrera (2006) apresenta o cinema como uma potência para gerar conceitos harmonizando a ideia de sensibilidade e emoção. O autor considera que

> Os conceitos são representações carregadas do afeto oriundo do impacto do particular sensível. A sua afetividade entra em interação com os elementos intelectuais na formação do conceito. O emocional-sensível não constitui apenas um reforço externo ao que se compreende, mas algo imbricado com ele. Temos acesso ao mundo sempre por meio de conteúdos afetivizados, de matérias lógicas carregadas de afeto: é necessário captar o tom emocional com que o filósofo faz a sua descrição do mundo (Cabrera, 2013, p.165).

O cinema entra como uma potente ferramenta no âmbito do afeto e do sensível para formulações conceituais. O conceito de *logopatia* pode ser perfeitamente entendido quando nos debruçamos sobre o autor.

> Os "filósofos cinematográficos" sustentam que, ao menos, certas dimensões fundamentais da realidade (ou talvez toda ela) não podem simplesmente ser ditas e articuladas logicamente para que sejam plenamente entendidas, mas devem ser apresentadas sensivelmente, por meio de uma compreensão "logopática", racional e afetiva ao mesmo tempo (Cabrera, 2006, p.10).

Vale salientar que, a partir de Cabrera devemos entender também que essa experiência sensível pode suscitar questões e reverberar na discussão de importantes conceitos filosóficos. O cinema para pensar filosofia pode ser como Gallo (2012) nos propõe a pensar como uma oficina de conceitos. Pensar em oficina de conceitos é "pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela." (Deleuze, Guattari, 1992, p. 143).

Gênero e sexualidade são cada vez mais um tema que suscita debates na sociedade. Hodiernamente podemos evidenciar grande visibilidade dos conceitos supracitados na mídia, TV, cinema, animações e diversos meios audiovisuais. Isso porque o audiovisual também se revela como um espaço de educar e (re)construir ideias e conceitos. "Trata-se de perceber que pelo Cinema podemos aprender algo. A experiência estética é aquela que tece uma mediação entre os sentidos e a razão e colabora para formação intelectual do/a estudante" (Freire, Marcos, 2021, p.191)

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

As audiovisualidades sempre constituíram um importante lugar nos processos (de) formativos. (De) Formativos, pois, entendemos que estas podem contribuir tanto para disseminar estereótipos como para problematizar e repensar a realidade. Rosália Duarte (2002), no livro Cinema e Educação, traz importantes contribuições para pensarmos o caráter extremamente educativo do cinema.

É importante salientar que Duarte (2002) também nos convida a refletir sobre o modo como este é apresentado, pois a proposta de uma educação visual não coloca o cinema como algo instrumental. Ou seja, não se trata de limitar seu uso, intencionando preencher eventuais lacunas nos períodos letivos, mas sim perceber esse como uma ferramenta potente no que concerne ao contexto social.

Duarte pondera que "Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam" (2002, p. 107). Em Fresquet (2003), também podemos identificar essa potência cinematográfica que transcende o instrumental, na medida em que, pode provocar novos olhares sobre o cotidiano, sobre os sujeitos e consequentemente sobre as identidades.

O cinema pode também ser entendido como uma experiência estética para pensar e problematizar o que se entende como normal anormal, sobre corpos, existência e uma incontável variedades de conceitos há muito também pensados pela filosofia. Ora, se o cinema tem essa potência crítico-reflexiva, certamente podemos, a partir dele, questionar as identidades, o corpo, gênero e a sexualidade como questões filosóficas.

Concebemos o cinema como um lugar de produção de sentidos e experiência do pensamento. Essa perspectiva corrobora com narrativas que são capazes de fazer enxergar no cinema temas com outros olhares. Nesse viés, propomos a seguinte indagação: "como não pensar em utilizar a linguagem audiovisual como instrumento privilegiado no processo de subjetivação dos corpos? (Rodrigues, Farias, 2018, p.121)".

Cônscios/as que os movimentos sociais têm movido esforços no que concerne à representatividade e luta por direitos em diversos espaços da sociedade, que outros lugares ou ferramentas podem ser potencialmente positivas para desestabilizar as ideias de que existem normais e anormais, sexualidades certas e desviantes e modos de ser/estar no mundo questionáveis. O que podemos perceber é que existe e é notória uma produção audiovisual significativa que dá visibilidade à comunidade LGBTQIA+. "O cinema,

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

apesar de ter reproduzido estereótipos e reforçado inúmeros estigmas sociais acerca dos grupos identitários citados, vem, nos últimos anos, apresentando olhares mais progressistas sobre a questão" (Pontes, Lago, Zanella, 2021, p.1).

No *streaming*, por exemplo, encontramos uma quantidade significativa de filmes e animações que dialogam com o tema (Storino, Ivan, 2024; Siciliano, Aucar, Helich, 2024). Precisamente sobre esses olhares que pretendemos nos debruçar, analisando não só a narrativa, mas também como esta pode reverberar em novas formas e novos olhares sobre as sexualidades. O cinema, como algo a ressignificar a realidade, pode constituir também uma importante ferramenta de conscientização e produções de novos olhares para diversos temas. Nesse sentido, podemos dizer que "cinema de cunho interdisciplinar que pretende avaliar o seu potencial não só como arte, mas como prática social (Pontes, Lago, Zanella, 2021, p.3)".

> No contexto social e cultural em que vivemos, o conhecimento produzido não se restringe apenas às narrativas orais e escritas, mas também se apresenta através de imagens e sons, provocando uma produção sem limites de metáforas para a vida. As narrativas fílmicas passam a reivindicar para si um poder pedagógico que se dá através das sensações: o corpo colocado em ação na narrativa fílmica expressa estados sensoriais e sentimentais que, dado a ver audiovisualmente, inspiram no espectador, se não os mesmos estados, algo bem próximo deles (Rodrigues, Farias, 2018, p.116).

Com um olhar mais atento e até mesmo político-pedagógico sobre a animação Nimona, percebemos o modo sutil como as orientações sexuais e identidades de gênero estão presentes ao longo da trama. Isto porque sabemos que as imagens, cinema e audiovisual e seus efeitos são analisados não apenas do ponto de vista do entretenimento, mas também podem ser feitas leituras filosóficas, sociológicas e pedagógicas. Afinal, não podemos desconsiderar a amplitude de sentidos atribuídas ao mundo em diferentes sociedades, conjunturas e momentos históricos. Entretanto, devemos lembrar também que o cinema e o modo como ele alcança os espectadores atende a alguns propósitos. Nas palavras Benjamin "o capital cinematográfico dá um caráter contrarrevolucionário às oportunidades revolucionárias imanentes a esse controle" (1987, p.180).

No caso específico da animação Nimona seu caráter revolucionário, talvez se faça evidente no modo como a animação desenvolve de maneira fluída as diferentes

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

orientações sexuais e identidades. Além disso, desloca o/a espectador do comum, afinal temos um príncipe gay e uma menina que muda de aparência. A animação consegue também, de forma grandiosa, inserir esses personagens e nos propor, mesmo que sutilmente os efeitos do preconceito no caso específico de Nimona.

Figura 8: No final, o beijo de Ballister e Ambrosius.

Fonte: Print de tela do vídeo em exibição.

Entendemos que a animação nos dá subsídios para entender a teoria Queer de forma lúdica, estética, política e filosófica. A identidade, o gênero, a sexualidade são apresentados a partir de um lugar que foge a ideia do herói que casa com a princesa e da figura que tradicionalmente fomos educadas/os a entender como quem muda o rumo das coisas.

Acreditamos que é importante situar o/a leitor acerca dos significados de alguns conceitos que cabem dentro do gênero e da sexualidade. Um deles, é a teoria Queer. Historicamente podemos situar, conforme salienta Richard Miskolci que "Originada a partir dos Estudos Culturais norte-americanos, a Teoria Queer ganhou notoriedade como contraponto crítico aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e à política identitária dos movimentos sociais." (2009, p.150)

A teoria supracitada nos permite pensar a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, bem como as pessoas. Nesse recorte, vale também mencionarmos o modo como, por intermédio de uma leitura política, também nos convida a pensar sobre "o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados" (Louro, 2001, p. 9). A teoria Queer se propõe a não enquadrar os sujeitos

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

dentro das categorias na esfera do normal e anormal. Richard Miskolci salienta que podemos pensar de variadas formas, pois a teoria supracitada vem sendo construída a partir de inúmeras contribuições.

Os estudos *Queer* também se situam no campo pós-estrutural que se propõe a pensar o sujeito de outras formas. "Ele é criado pelas instituições, pela cultura, pela política; é sempre moldável e não pré-existente" (Miskolci, 2009, p. 152). Se o cinema pode nos ensinar como vestir, comportar, seguir tendências, ser homem e ser mulher (Louro, 2008), também podemos pensar a partir dele como desestabilizar algumas certezas sociais, bem como entender como as outras pessoas se colocam no mundo. Nesse sentido, podemos também pensar nos padrões cisheteronormativos a partir das obras audiovisuais. Ao produzir diferentes corpos e pautá-los naturalmente, temos um movimento importante no que concerne aos modos múltiplos como os sujeitos vivem e experimentam sua sexualidade.

Nimona e a identidade: das múltiplas possibilidades ao espaço fronteiriço.

A animação Nimona traz um olhar sobre o lugar da fronteira, o lugar da transformação, da liberdade de pensar um ser que se encontra não fixo e acabado em uma determinada forma, mas que se permite viver e estar na fresta do devir ou na dobra da existência. Tomamos aqui ambos os conceitos no aspecto mais lato possível, na acepção de que não é o lugar onde se demora, mas o lugar do qual se deve transitar para ir de uma identidade à outra.

A identidade tem sempre nos colocado questões fundamentais para pensar a nossa existência, nosso modo de compreender quem somos e quem podemos ser, como possibilidade mesmo de construção de si, seja no acionamento da diferença que nos compõem fisicamente, seja dentro da lógica em que cada diferença é produzida politicamente, quando consideramos classe, raça gênero dentre outros marcadores sociais, que podem ser repensados, desconstruídos e ressignificados (Silva, 2014; Louro, 2014).

Marcações que podem ser acompanhadas na animação quando da transformação que Ballister sofrerá entre ser plebeu, possível 'herói', vilão e, por último, herói. Assim como as outras transformações que o filme nos possibilita pensar, são das identidades que a personagem Nimona assumem por que pode e quando necessita, isto é, as mudanças

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

assumidas estão, em cada cena, ligadas a adaptabilidade que melhor atende o momento, embora não estejam subordinadas a ele. Como, por exemplo, o momento em que está no trem como gorila.

A animação nos permite acompanhar duas formas de pensar as identidades: aquelas atribuídas pelas circunstâncias, no caso do cavaleiro Ballister, em que as nuances estão na atribuição de outros; e aquelas, as quais a personagem Nimona vai assumindo devido à sua capacidade de metamorfosear-se. Enquanto uma advém de uma aparente imposição; a outra, inscreve a personagem na dinâmica da luta pela aceitação de si, tendo sido apresentada como uma necessidade de Nimona para sentir-se livre, ser e existir, de fato, nas possibilidades fronteiriças.

São perspectivas que nos remetem ao que Stuart Hall vai sustentar como características do sujeito, que no espectro pós-estruturalista, é sempre tomado como descentrado, lido sem linearidade essencial e fixa, isto é, "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente (2015, p. 12)".

Neste sentido, a afirmação de Nimona de que a transformação é imprescindível para manter-se livre dialoga com o que afirma Kathryn Woodward (2014, p. 50), ao apontar que as identidades são sempre, de algum modo, buscadas, seja para reafirmar posições, negar outras ou mesmo ressignificar algumas. Ou seja, a identidade "pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (Woodward, 2014, p. 50)".

Isso porque as identidades são sempre construídas socialmente, nas relações de poder que acometem a cada sujeito. Essas construções não se desvinculam da produção da diferença como característica política, a qual se postula sempre uma relação qualitativa dessa fabricação do outro. Fabricação postulada em diversos e diferentes artefatos culturais, em um processo contínuo de subjetivação, pelos quais tentamos dar sentido às nossas experiências. Conforme aponta Avtar Brah "(...) o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto não é fixa nem singular (2006, p. 371)".

A trajetória de Ballister é desestabilizada pela tentativa frustrada de tornar-se cavaleiro. Mas a de Nimona, de monstro à heroína, é uma desestabilização dessa lógica, na qual a variação da regra é a conformidade do que se é ao que todas e todos esperam que você seja. No fundo, a personagem Nimona não atua dentro da lógica da universalização, onde a diferença se confirma no todo, mas, antes, desestabiliza o lugar da fixação entre uma identidade atribuída. Antes, opera Nimona, na lógica das identidades múltiplas, não como variação da regra. Cria outra regra de representação, causa incômodo, é atrevida, pois não se fixa.

O que dialoga com o que Silvio Gallo propõe ao tomar a "diferença em si mesma e para si mesma" (2014, p.187). O que entendemos pensar as diferenças e a sua produção das identidades como uma multiplicidade "plasticidade nas singularidades, ao se articularem entre si, sem necessariamente pressupor um sujeito universal (Storino, 2017, P. 60)". Singularidade entendida como "expressões das diferenças que se misturam e se transformam constantemente na medida em que agenciam-se com outras singularidades (Gallo, 2014, p. 191)".

Singularidade que a narrativa reserva à personagem Nimona o não-lugar entre humanos, conforme nos leva a crer, quando Ballister diz que as pessoas não saem por aí se transformando. Esse não-lugar não a deixa desconfortável, pois a fronteira, para ela, não é só o lugar de transição, mas é a possibilidade de viver na/entre as múltiplas formas que a torna capaz de ser plenamente o que se é, que lhe permite dar sentido à sua existência, sentir-se livre. Explorar as possibilidades e transgredir as regras é o que a deixa sentir-se viva, autêntica. Quem a coloca como abjeta e monstruosa são aquelas e aqueles a quem a identidade é uma coisa fixa, que fora construída de uma vez por todas, que não a tomam como relacional, mas essencial e nunca em construção, embora sujeitas às modificações constantes, estas não mudam seu núcleo, pois as entende como nucleares, e não sujeitas ao devir.

De certa forma, Nimona nos convida a pensar outra lógica possível nas representações da diferença e da identidade, das identidades sexuais e de gênero dentro

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

da lógica da multiplicidade e do diverso. Na produção do conhecimento, quando tomada a perspectiva *Queer* no cinema, podemos afirmar que a animação Nimona e suas personagens somam-se a agenda de lutas que o movimento empreende ao "(...) borram fronteiras entre gêneros, classes, épocas, estilos, uso de materiais e formas, como desnaturalizam e denunciam a instância dominante" (Heffner, 2015, p. 53)

Considerações finais

A animação Nimona enseja esse olhar filosófico das possibilidades de pensar os conceitos de gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo em que se ponderar sua relação com a construção política, social e cultura das diferenças. E, por último, como essas diferenças são acionadas na constituição das identidades que cada pessoa pode assumir ao longo do tempo, da vida, na construção de si, resistindo às imposições que cada qual enfrenta cotidianamente.

Sugerimos que pensar filosoficamente com Nimona é apontar mesmo para a dinâmica desse lugar fronteiriço, em que a transformação é sempre tomada como a possibilidade de devir, da mudança. Nimona é, portanto, potente artefato cultural que pode servir ao diálogo da filosofia com a educação, seja na escola, seja fora dela, sobretudo com as juventudes.

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ldwing; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas v.1).

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. 2006, n.26, pp.329-376. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf. Acesso em: 01 de dez de 2024.

CABRERA, J. **O cinema Pensa: Uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de

Janeiro: Rocco, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1973,

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, C. R.; MARCOS, B. A. **Podemos pensar filosoficamente pelo Cinema?.** Revista Contraponto, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, 2021. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/112220. Acesso em: 12 jul. 2024.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio.**

Campinas: Papirus, 2012.

GALLO, Sílvio. Diferença, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S.. **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Espírito Santo: EDUFES, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HEFFNER, Hernani, Love rules the world. In. MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus. **New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política.** Caixa Econômica Federal, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkT9BXvLXvTvHMr/abstract/?lang=pt#. Acesso em 02 dez 2024.

MAFRA. Erich Thomas. *"Nimona', a animação infantojuvenil com beijo gay que disputa o Oscar",* **Gazeta do Povo.** 7 de março de 2024. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/nimona-animacao-infantojuvenil-beijo-gay-disputa-oscar/. Acesso em: 24 nov. 2024.

MARCELLO, Fabiana de A.; FISCHER, Rosa Maria B. **Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, 2011.

Miskolci Richard . A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias [en linea].** 2009, 11(21), 150-182[fecha de Consulta 12 de Julio de 2024]. ISSN: 1517-4522. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819550008. Acesso em: 02 dez de 2024.

NIMONA. Direção: Nick Bruno e Troy Quane. Estados Unidos. Netflix, 2023.

Número XXVIII – Volume I – junho de 2025
https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia
ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

PEREIRA, Rodrigo. Crítica | Nimona (2023): Eu vejo você, Nimona. **Plano Crítico**. 12 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.planocritico.com/critica-nimona-2023/. Acesso em: 24 nov. 2024.

PEDREIRA, Rocío G; VARELA, Olalla Cortizas. La deconstrucción de identidades coercitivas mediante la reescritura de arquetipos em Nimona, de Noelle Stevenson. In. GRANA, Romina. **Discursos, Mujeres y Artes. ¿Construyendo o derribando fronteras?.** Dykinson S. L. Madrid, 2021.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PONTES, Carlos Frederico Bustamante; LAGO, Mara Coelho de Souza; ZANELLA, Andréa Vieira. "O 'estado da arte' dos estudos sobre o cinema LGBTQ no Brasil e em países latino-americanos". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e70658, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/70658. Acesso em: 15 jun. 2024.

RODRIGUES, Rejane Lopes; DE FARIAS, Francisco Ramos. O cinema queer na subjetivação dos corpos: repensando gênero e sexualidade na educação escolar. **Conhecimento & Diversidade**, [S.l.], v. 10, n. 22, p. 114-126, fev. 2019. ISSN 2237-8049. Disponível em: <https://revistas3.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/4026>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SICILIANO, Tatiana; AUCAR, Bruna; HELICH, Tatiana. Por dentro do mundo de Bridgerton: criação, expansão e transcodificações narrativas. In: Anais do 33°. Encontro Anual da COMPÓS, 2024, Niterói. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/por-dentrodo-mundo-de-bridgerton-criacao-expansao-e-transcodificacoes-narrativa?lang=pt-br. Acesso em: 18 nov. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STORINO, André Luiz Bernardo. **Gênero, beleza e corpo nos desenhos animados: recepção e percepções de alunas e alunos de uma escola pública.** 2017. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Duque de Caxias-RJ, 2017.

STORINO, André Luiz Bernardo; AMARO, Ivan. Cartografando as juventudes na escola: perspectivas sobre gênero e sexualidades, a partir das séries de streaming. **Diversidade e Educação**, *[S. l.]*, v. 12, n. 1, p. 78–97, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17113. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17113 . Acesso em: 18 nov. 2024.

WOODWARD, Kathrny. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.